

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
Centro de Ciências Humanas – CCH - Departamento de Artes
Pró-Reitoria de Ensino – PROEN
Programa Institucional de Bolsas De Iniciação À Docência – PIBID
Subprojeto de Artes/Música - Música Afro-Brasileira
Supervisor do PIBID no C.E. Liceu Maranhense: Prof. Esp. Garcia Junior

FREVO

Sua origem se deu por volta do século XIX sendo uma manifestação cultural tipicamente pernambucana. Nasceu dos maxixes, dobrados, quadrilhas e marchas apoiando-se desde o início nas fanfarras constituídas por instrumentos de metal.

A palavra frevo vem de ferver, que por corruptela, “*freve*” corresponde à festa agitada, animada e quente. Segundo o Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira, “enquanto gênero musical, não é folclore, ao contrário do que muitos supõem. É na verdade um gênero de música popular”. Não é considerado como manifestação folclórica, já que deriva de formas musicais semi-eruditas e é composta por instrumentos de banda como o sax e o trombone, instrumentos caros que não são largamente acessíveis ao povo.

Inicialmente era tocado por cordões carnavalescos do Recife. Como muitos eram rivais entre si, era comum haver brigas nos desfiles. Com a intenção de diminuir a violência, grupos profissionais de capoeira eram contratados para controlar as brigas. Os movimentos da capoeira deram contribuição para os movimentos acrobáticos da dança que conhecemos hoje em dia. Na época, era comum os capoeiristas valerem-se de sombrinhas e guarda-chuvas velhos para utilizarem como arma de defesa. Foi a partir daí que a sombrinha começa a fazer parte da coreografia.

É uma música ligeira e de caráter virtuosístico, com ritmo intenso e inconfundível, sendo subdividida em frevo-de-rua (ou simplesmente frevo), com total ausência de letra, feito para ser dançado, frevo-canção, com presença de letra e frevo de bloco, sem nenhum metal, conduzidos por instrumentos de pau e corda (violão, banjo, cavaquinho etc.). A origem dos blocos está ligada aos pastoris e também aos grupos que gostavam de fazer serenatas e vinham também às ruas em dias de carnaval.

MARACATU

Manifestação cultural afro-descendente que envolve diversão, lazer, projetos sociais, constituição de identidades e afirmação religiosa. Os grupos de maracatu foram formados pelos afro-descendentes fixados no Brasil valendo-se de heranças e costumes variados. Existem duas variantes de maracatu, o “maracatu nação”, cuja maior concentração está em Recife e o “baque solto”. Segundo o maestro Guerra Peixe, a diferença entre os dois está nos conjuntos musicais utilizados. O nação é acompanhado por uma orquestra percussiva em que sobressaiam as alfaias e o baque solto é constituído por uma orquestra denominada “terno” composta de poica (espécie de cuíca), tambor, gonguê de duas campânulas, caixa e instrumentos de sopro que podem ser o pistom e o trombone de vara.

O ponto de partida do maracatu pode estar nas festas de coroação das rainhas e reis do Congo. As festas que acompanhavam esta coroação eram constituídas de batuques e desfiles do rei e da rainha eleitos. No entanto, os maracatus são resultado de adaptações e recriações de práticas antigas, não sendo possível determinar nem onde e nem como começou.

Segundo as notícias de jornais do século XIX, os maracatus eram discriminados e rejeitados pelas classes sociais mais altas e perseguidos pela polícia. Por volta das décadas de 1960 e 1970 quase se extinguiu, havendo somente uns cinco grupos. Foi só por volta dos anos 80 que houve um reflorescimento do gênero aparecendo grupos como Elefante, Sol Nascente, Estrela brilhante e Gato Preto contribuindo para que o maracatu tenha o reconhecimento que merece.

CARIMBÓ

É um gênero musical que surgiu pelas redondezas de Belém e na Ilha marajoara no Pará. Segundo tudo o que se indica, foi criada pelos índios tupinambá que, segundo os historiadores, eram dotados de um senso artístico invulgar, chegando a ser considerados, nas tribos, como verdadeiros semi-deuses. Era uma dança em andamento monótono como a maioria das danças indígenas. Quando os africanos entraram em contato com ela adicionaram algumas características africanas como a síncope e o batuque. Os colonizadores portugueses com o interesse em mão de obra, não apenas estimularam, mas participavam das danças, fornecendo algumas características lusitanas à dança como o castanholar dos dedos, alguns passos e parte da indumentária.

A formação instrumental original era feita por dois curimbós (tambor feito de tronco de árvore. Nome do qual derivou o gênero) um alto e um baixo, flauta de madeira, maracás e viola cabocla de quatro cordas, hoje substituída pelo banjo. Por volta dos anos 60 e 70, sofreu influências do merengue e da cumbia e forma adicionados instrumentos elétricos como a guitarra e o baixo e instrumentos de metal como o sax e trompete.

O grande representante do Carimbó é o Pinduca, considerado o Rei do Carimbó. Compôs sucesso como: “garota do tacacá”, “carimbó no mato” e “carimbó do macaco”.

BOSSA NOVA

A partir da década de 40, principalmente na época da II Guerra Mundial, houve grande influência musical estrangeira no Brasil, principalmente relativas ao jazz americano. A partir dessas influências jovens compositores e intérpretes passaram a renovar o estilo de composição com letras mais sofisticadas e complexas progressões harmônicas.

Compositores como Tom Jobim, Garoto, Luís Bonfá dentre outros, desenvolveram o samba-canção o qual evoluiu para a bossa-nova, consagrando-se como um novo movimento musical. Nascido no Rio de Janeiro por músicos e compositores de boa formação musical marcou um novo estágio do samba com uma diferente elaboração rítmica, maior sofisticação harmônica e instrumental, novo estilo de cantar (em oposição ao virtuosismo do Bel Canto, utiliza-se uma voz menos potente, quase um canto falado e uso do microfone) e participação de letristas de alto nível como Vinícius de Moraes. Na verdade as

principais influências da bossa nova vieram do jazz americano e como afirma Tom Jobim, a bossa nova é “o encontro do samba brasileiro com o jazz moderno”.

O marco inicial é o lançamento, em 1958, do LP *Canção do Amor Demais*, gravado por Elizabeth Cardoso (1920-1990), com música de Tom Jobim e letra de Vinícius de Moraes. O acompanhamento de duas faixas – *Chega de Saudade* e *Outra Vez* – é feito pelo violão de João Gilberto, que introduz uma nova batida, identificada mais tarde com a bossa nova. A aceitação foi tão grande que no dia 21 de novembro de 1962 realizou-se no Carnegie Hall em New York o “Festival da Bossa Nova”, o que proporcionou uma ponte para músicos e compositores brasileiros estabelecerem longas temporadas nos EUA. Muitas músicas brasileiras obtiveram muito sucesso, principalmente “Garota de Ipanema”, tornando um dos estandartes da música mundial, canção composta por Tom Jobim e Vinícius de Moraes, grandes expoentes do movimento.

TAMBOR DE CRIOLA

O tambor de crioula é uma forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores. Seja ao ar livre, nas praças, no interior de terreiros, ou então associado a outros eventos e manifestações, é realizado sem local específico ou calendário pré-fixado e praticado especialmente em louvor a São Benedito.

Essa manifestação da cultura popular maranhense não tem uma época fixa de apresentação, mas pode-se observar uma concentração maior nos períodos que correspondem ao carnaval, às festas de São João e a partir do 2º sábado de agosto, quando ocorrem também as rodas de bumba-boi. Tradicionalmente, toda a festividade de bumba-meu-boi é encerrada com um tambor de crioula.

Consta que, em seus primórdios, as brincadeiras de bumba-meu-boi e o tambor de crioula aconteciam sempre juntas, eram práticas interligadas. E que ainda hoje não há matança de boi, sem uma roda de tambor de crioula em seu encerramento. Atualmente, vários praticantes de uma manifestação também o são da outra.

Os tocadores e cantadores, também denominados coreiros, são conduzidos pelo ritmo incessante dos tambores e o influxo das toadas evocadas, culminando na punga (ou umbigada) – movimento coreográfico no qual as dançarinas, num gesto entendido como saudação e convite, tocam o ventre umas das outras. Essa forma de expressão, com seus movimentos de corpo e a polirritmia dos tambores o caracterizam como pertencente à família do samba.

Em sua pesquisa, o Iphan catalogou as práticas de 61 grupos entre os de maior destaque da ilha de São Luís. O registro do tambor de crioula faz parte de um projeto de reconhecimento das formas de expressão que compõem o amplo e diversificado legado das tradições culturais de matriz africana no país. Em particular, o tambor de crioula pode ser associado a outras formas já registradas como patrimônio imaterial brasileiro, como o samba de roda do Recôncavo Baiano e o jongo, praticado na região Sudeste. Também

possui características muito próximas de certas modalidades do samba carioca, como o partido alto e o samba de terreiro.

As narrativas da origem do Tambor de Crioula via de regra se referem ou a São Benedito ou ao período da escravidão. São Benedito, o santo protetor dos negros aparece no teatro das memórias como um escravo que foi à mata, cortou um tronco de árvore e ensinou os outros negros a fazer e a tocar o tambor. Outras vezes ele surge como o cozinheiro do monastério que levava comida escondida em suas vestes para os pobres. Mas em muitos casos não há uma narrativa geral sobre o tambor e sua origem ancestral e sim a história específica de determinado grupo de tambor, demonstrando que naquilo que costumamos chamar de cultura popular há espaço para a individualidade, a diferenciação.

Até 1978, havia menos de vinte grupos na cidade. A partir do expressivo fluxo migratório do interior do Estado em direção à capital, novos grupos são criados, aumentando assim o contingente de brincantes. Hoje há mais de sessenta grupos cadastrados nos órgãos de registros da cultura popular na capital maranhense.

Cada cântico se inicia com um solista que canta toadas de improviso ou conhecidas, repetidas ou respondidas pelo coro, composto por homens que se substituem nos toques e por mulheres dançantes. Os cânticos possuem temas líricos relacionados ao trabalho, devoção, apresentação, desafio, recordações amorosas e outros.

O conjunto instrumental que produz a música no Tambor de Crioula é chamado de parelha. Inclui básica e obrigatoriamente três tambores de madeira – ou, atualmente, também de PVC – afinados e escavados, e cobertos com couro, preso por cravelhas. São denominados tambor grande, o solista, meia, que estabelece o ritmo básico de 6/8, e crivador, que realiza improvisos a 6/8. Alguns grupos utilizam-se também de matracas, bastões de madeira que são percutidos aos pares no corpo do tambor maior. Via de regra, o tambor tem um nome, outorgado em muitos casos numa cerimônia de batismo com a presença de padrinhos e “familiares” do tambor.

BUMBA-MEU-BOI

As manifestações culturais populares que têm o boi como figura principal estão presentes em vários estados brasileiros, mas é no Maranhão que a brincadeira do Bumba-meu-boi ganha evidência pela sua força simbólica, sua resistência ao tempo e sua capacidade de reinventar-se a cada ano sem perder sua essência.

Ícone da cultura popular maranhense, o Bumba-meu-boi tem suas origens, provavelmente, anteriores ao século XIX. Ao longo de, pelo menos, dois séculos, o Bumba passou por várias fases. De vítima de preconceito no século XIX, por ser considerado brincadeira de “arruaceiros”, essa expressão cultural desfrutava, atualmente, de grande prestígio junto à sociedade maranhense. A trajetória do Bumba-meu-boi, a despeito da obrigação de solicitar autorização policial para sair às ruas até os anos 60 e da ameaça de seu desaparecimento, na década de 70 do século passado, é exemplar, se considerarmos que a brincadeira se

manteve viva graças ao seu poder de reelaboração a partir dos elementos dados pelo contexto em que está inserida.

Embora a classificação em sotaques seja útil para o direcionamento de estudos e pesquisas e para a execução de ações dos poderes públicos estadual e municipal no campo da cultura popular relativas ao Bumba-meu-boi, uma incursão pelos municípios do Maranhão demonstra que ela não abarca a diversidade dessa manifestação cultural popular maranhense. Nas diversas regiões do Estado encontram-se formas distintas de expressão do Bumba-meu-boi, respondendo às necessidades inerentes a cada local com a utilização de recursos disponíveis nos seus respectivos municípios, dando diferentes configurações a uma mesma brincadeira.

A classificação mais difundida dos grupos divide o de Bumba-meu-boi em cinco sotaques: Zabumba ou de Guimarães, da Ilha ou de Matraca, da Baixada ou de Pindaré, Costa-de-mão ou de Cururupu e Orquestra.

O sotaque de Zabumba ou Guimarães, oriundo da cidade de Guimarães, destaca-se pelo ritmo forte dos instrumentos de percussão, sendo a zabumba, o mais característico desses grupos, tocadas e apoiadas em varas de madeira, denominadas forquilhas.

Fazem uso, também, do tamborinho. Juntos, os instrumentos formam um ritmo mais acelerado que os demais, responsável, nos movimentos corporais, por passos pequenos e repisados. Azevedo Neto (1997) compara o ritmo desse sotaque ao samba.

O sotaque da Ilha ou de Matraca é típico da Ilha de São Luís, caracterizando-se, principalmente, pelo som estridente de grandes matracas que, com grandes pandeiros afinados no calor das fogueiras, fazem a percussão dos grupos. O Bumba-meu-boi da Ilha é marcado pelo grande número de brincantes e admiradores, chegando a reunir milhares de pessoas nos seus festejos.

Característico da Baixada Maranhense, os grupos do sotaque da Baixada ou de Pindaré utilizam instrumentos percussivos como pandeiros, caixas, tambores-onça, maracás e pequenas matracas, sendo essas tocadas num ritmo mais lento que nos Bois da ilha. Dentre os personagens, encontram-se os rajados, os cazumbas, as índias, o amo e os vaqueiros.

O sotaque de Costa-de-mão é considerado por alguns pesquisadores como uma variante do sotaque de zabumba. Originário da cidade de Cururupu, recebe essa denominação pelo modo como são tocados os pandeiros, a base da batucada. Com ritmo lento, utilizam, além dos pandeiros, tambores-onça e maracás. Nas vestes, o destaque é para o chapéu em formato de cone com fitas coloridas compridas, calções até o joelho e camisas de veludo inteiramente bordadas.

O sotaque de orquestra é o mais recente estilo de Bumba-meu-boi do Maranhão surgiu na região do Munim, mais especificamente nos municípios de Rosário e Axixá. Trata-se do sotaque de Orquestra, caracterizado pela utilização de instrumentos de sopro e corda (saxofone, banjos, clarinetes, flautas, trombone), com acompanhamento de zabumbas, tambores-onça e tarol.

A origem desses grupos, conforme Albernaz (2004), é curiosa e marcada pela casualidade. Segundo ela, por volta dos anos de 1920/1930, uma orquestra do bordel da cidade de Rosário, após fazer sua apresentação noturna, saiu pelas ruas da cidade tocando seus instrumentos, tendo encontrado, por acaso, um Boi de Zabumba. Começaram a tocar

juntos, fazendo uma nova festa e criando, assim, um novo estilo de brincar Bumba-meu-boi.

Principais instrumentos

- Pandeiro e pandeirão
- Pandeiro de Costa-de-mão
- Zabumba
- Tambor-onça, onça, roncadeira
- Matraca
- Maracá
- Apito